

A 'maldita'

está de volta

Pioneira na literatura lésbica, Cassandra Rios terá sua obra reeditada no Brasil

BÁRBARA BLUM
Folhapress

E difícil imaginar que a primeira escritora brasileira a vender mais de 1 milhão de exemplares tenha caído no esquecimento. Mas foi o que aconteceu com Cassandra Rios - e o que a editora Relicário quer desfazer. A editora firmou um contrato com o espólio da autora, conhecida pelos romances eróticos com protagonistas lésbicas, para reeditar sua obra.

Sem previsão de chegada ao mercado, devem ser publicados, a princípio, "Um Escorpião na Balança", de 1965, e "A Santa Vaca", publicado em 1984. O primeiro a ser reeditado narra a história de uma mulher que abandona o noivo por outra mulher. À moda de Rios, o êxtase do desejo realizado logo se torna um drama sobre abuso emocional.

Até agora, os livros de Cassandra eram assunto de sebo, com valores que podem chegar aos três dígitos. Desde a morte da escritora, em 2002, as reedições de sua obra foram esparsas. Em 2005, a editora Brasiliense relançou três títulos - "As Traças", "Crime de Honra" e "Uma Mulher Diferente" -, todos esgotados, e, há dez anos, o grupo Azul Editorial reeditou "Eu Sou uma Lésbica", publicado em 1980, também já esgotado.

Nascida Odete Rios em 1932, a paulistana publicou seu primeiro livro aos 16 anos, já sob o pseudônimo pelo qual ficaria conhecida. A obra foi rejeitada por todas as editoras que a receberam, mas Cassandra estava obstinada e foi trabalhar num escritório de advocacia para juntar o dinheiro necessário para sua publicação.



Pioneira da literatura lésbica, Cassandra Rios foi perseguida e censurada na Era Vargas e pelo regime militar imposto em 1964. Seus títulos, todos esgotados, chegam a custar três dígitos em sebos

“O lema ‘pátria, família e liberdade’ daquela época voltou com força. É um gesto grandioso de resistência essa autora voltar nesse momento. Ela foi censurada lá, mas aqui ela não vai ser”

JOICE NUNES

A família não gostou. À época, uma boa moça deveria casar e ter filhos. O desgosto foi tanto que a mãe ofereceu pagar pela publicação do livro. A autora topou, com a condição de que ela não o lesse.

A capa da obra é dramática. Sobre o fundo, tomado por uma enorme cabeça masculina em tons de cinza, uma mulher loira, com um vestido plissado branco, agarra o quadril de outra, de cabelos negros curtos, vestido esverdeado e pérolas no pescoço.

O título, "A Volúpia do Pecado", então, não deixa dúvidas

da picância, e o conteúdo dobra a aposta. A estreia de Cassandra narra o envolvimento amoroso de duas vizinhas, ambas adolescentes. A amizade vira romance tórrido, com direito a dezenas de páginas carregadas de descrições de sexo.

Segundo Maíra Nassif, fundadora da Relicário, além de Rios ter posto as relações homossexuais sob um holofote inédito na literatura brasileira, ela via a mulher como ser desejante, não apenas como objeto de desejo.

O romance chegou às livrarias em 1948 e foi um sucesso estron-

doso de vendas - a ponto de criar uma demanda pelo trabalho de Cassandra, que pôde viver de sua escrita, coisa rara para a época.

As vendas não impediram que a autora fosse alvo de censura. Numa entrevista a Jô Soares, em 1990, quando o talk show do apresentador ainda era exibido pelo canal SBT, a escritora relembrou a sua condenação por atentado ao pudor, ocorrida em 1952. A romancista tinha então só 20 anos.

A condenação de Cassandra Rios veio na esteira da publicação de "Eudemônia", ainda no governo de Getúlio Vargas. A cena é recuperada no documentário "Cassandra Rios - A Safo de Perdizes", feito por Hanna Korich e lançado em 2013.

A ditadura militar instaurada a partir de 1964 voltaria a reprimir Cassandra. Ao todo, a escritora teve 36 de seus romances censurados. Ela chegou a assinar um manifesto de escritores, movimento liderado por Lygia Fagundes Telles em 1977, mas teve seu nome retirado pelos colegas.

"Fui posta de lado. Eu, a escritora mais censurada do Brasil", disse a autora, na conversa com Jô Soares.

Para Joice Nunes, que fará a coordenação editorial da reedição, a retirada de seu nome foi um ato de injustiça e silenciamento.

Cassandra era bastante reservada em sua vida pessoal, mas não escondia sua sexualidade de ninguém. Ela era frequentemente vista com mulheres em restaurantes e levava namoradas para sua casa, no centro da capital paulista.

No documentário, a estrela da pornochanchada Nicole Puzzi, que atuou na adaptação cinematográfica de dois dos livros de Cassandra, lembra que havia certo tabu em ser vista com a escritora. "Ela sofreu as consequências de escrever um livro sobre sexo", diz.

Havia, ainda, o fato de Rios ser vista como uma autora popular. "Junta-se a isso o texto de alta voltagem erótica e já estigmatizado pela censura. Ele chegou em sua época duplamente estigmatizado", diz Maíra Nassif, da Relicário.

Mas Cassandra foi, sem dúvida, pioneira em suas temáticas. Ela escreveu o primeiro final feliz numa relação entre mulheres e foi vanguarda na despatologização da homossexualidade. "Ela vai fazer isso muito antes de a homossexualidade ser retirada da lista de doenças da Organização Mundial da Saúde", diz Ana Júlia Prado, mestrandia em literatura na Universidade Estadual de Campinas, no interior paulista, e especialista na escritora.

Em "Eudemônia", por exemplo, Cassandra retrata uma mulher lésbica que é internada num manicômio por sua orientação sexual, mas que insiste que não é doente.

A autora tem em comum com sua obra o fim trágico. Ela sofreu as consequências do estigma imposto pela ditadura e, mesmo após a democratização, não conseguiu retomar o sucesso de mercado que marcou sua carreira.

Ela morreu aos 69 anos, vítima de um câncer no útero. Teve de vender seus carros e pertences e pediu dinheiro a amigos para pagar as suas contas hospitalares.

Para Nunes, há certo senso de justiça na reedição de Rios. A Relicário planeja fazer uma "reinscrição crítica", segundo Nassif, e recheiar as edições com prefácios de convidados e paratextos que contextualizem a obra e a autora.

Nunes traça um paralelo com movimentos atuais para criminalizar a Parada LGBT em São Paulo e o momento em que Rios foi censurada. "O lema 'pátria, família e liberdade' daquela época voltou com força. É um gesto grandioso de resistência essa autora voltar nesse momento. Ela foi censurada lá, mas aqui ela não vai ser."